

# Aplicação do Relation Play em crianças com Perturbação Autista

Filipa Campos<sup>1</sup>, Paula Portugal<sup>2</sup>, Joana Cardoso<sup>3</sup>, Ângela Fernandes<sup>4</sup>

<sup>1,2,3,4</sup>Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Tecnologia da Saúde,  
Porto, Portugal

[<sup>1</sup>filipacampos1805@gmail.com](mailto:filipacampos1805@gmail.com)

## RESUMO

Este estudo teve como objectivo verificar a eficácia de um programa de Relation play em crianças com Perturbação Autista, incidindo na comunicação não verbal e de interacção social. A amostra foi constituída por 3 crianças com Perturbação Autista. Foi realizado um estudo de caso quantitativo de carácter pré-experimental do tipo ABA. Os participantes foram submetidos a um programa de Relation Play constituído por 13 sessões, duas vezes por semana. O instrumento utilizado foi uma lista de verificação de comportamentos. Verificaram-se melhorias em alguns aspectos da comunicação não verbal e interacção social.

**Palavras-chave:** Relation Play, Perturbação Autista, Comunicação não verbal e Interacção social.

## ABSTRACT

The aim of this study was to verify the effectiveness of a Relation Play program in children with Autism, in improving of non verbal communication and social interaction. The sample was formed by 3 children with Autism. Was conducted a quantitative single case design ABA. The participants were submitted to a program constituted by 13 sessions, performed twice a week. The instrument used was a checklist of behaviours. It was found that in most items improvements occurred, showing improvements in some aspects of non verbal communication and social interaction.

**Key Words:** Relation Play, Autism, non verbal communication and social interaction.

## 1. INTRODUÇÃO

O autismo é caracterizado pela presença de uma tríade clínica nuclear, com limitações na comunicação, socialização e imaginação que irão comprometer o desempenho ocupacional em diversas áreas, nomeadamente a participação social, o brincar e o lazer. Podendo também apresentar dificuldades ao nível do processamento sensorial tais como, resposta excessiva ou ausente a diferentes estímulos (Oliveira 2007; Pereira, Serra 2006).

O Relation Play, desenvolvido por Verónica Sherborne entre 1950 e 1990, tem sido reconhecido como um método único e distinto, contribuindo para o desenvolvimento da consciencialização do corpo e do espaço, do auto-conhecimento e da auto-confiança, da interacção social e comunicação (Klinta, 2001; Marsden, Egerton, 2007; Mello, 2005; Sherborne, 1995). Este método foi inspirado na filosofia de Laban, que utilizava o movimento como uma ferramenta para todas as actividades, considerado como um aspecto fundamental na vida da criança, que contribuí desde cedo para o desenvolvimento de competências de comunicação e interacção. As dificuldades ao nível destas competências dificultam o envolvimento em experiências necessárias para desenvolver os princípios básicos inerentes a sociabilização e comunicação. O Relation Play oferece uma importante oportunidade compensatória de experiências sensorio-motoras para indivíduos que não tiveram essa possibilidade num estágio de vida mais precoce (Mello, 2005; Rangel, 2003; Sherborne, 1995).

Durante a aplicação do método, é importante que a criança seja manuseada a partir das suas possibilidades e que experimente o sentimento de ser bem sucedida. A organização das sessões deve ser gradual, começando com exercícios ao nível do chão, alternando movimentos dinâmicos e relaxantes. É importante comunicar de forma clara, mantendo o contacto ocular e comunicando não só através da voz mas também através da linguagem corporal e das expressões faciais, para que as indicações sejam compreendidas (Bleszynski, 2004; Kinta, 2001; Marsden, Egerton, 2007; Sherborne, 1995).

Estudos realizados por Klinta (1999) e Bogdanowicz, (1992) mostram melhorias na capacidade de estabelecer relações e na comunicação, após sessões de Relation Play em populações de crianças com Perturbação do Espectro Autista e em crianças com dificuldades de aprendizagem. Em 2006, Konaka (citado em Marsden, Egerton, 2007) realizou um estudo sobre a eficácia do Relation Play na socialização, em crianças com Perturbações do Espectro Autista e concluiu que as competências de comunicação e interacção das crianças melhoraram.

Até ao momento, poucos estudos se dedicaram à análise da eficácia deste método. Neste estudo procuramos verificar a eficácia de um programa de Relation play em crianças com Perturbação Autista, ao nível das competências de comunicação não verbal e de interacção social, requeridas para o desempenho ocupacional nas áreas da Participação Social, Brincar e Lazer.

## 2. MÉTODOS

### 2.1. Participantes

Esta amostra é constituída por 3 crianças diagnosticadas com Perturbação Autista que apresentam dificuldades nas competências de comunicação/interacção, do sexo masculino, com idades entre os 12 e os 15 anos, que frequentam diariamente uma associação de apoio a crianças com necessidades especiais. Todos os participantes frequentam uma sala de apoio permanente, partilhada com outras crianças com deficiência, tendo apoio de uma educadora de ensino especial.

### 2.2 Procedimentos e instrumentos

Após a realização de uma revisão bibliográfica, procedeu-se à elaboração de uma lista de verificação de comportamentos construída com base na literatura pela autora do estudo e revista por um painel de peritos. Trata-se de uma lista de comportamentos de comunicação e interacção observáveis, onde são registadas o número de ocorrências de cada um deles durante o desempenho de uma actividade. O número de ocorrências foi recolhido através da análise de gravações de vídeo.

De seguida traçou-se o programa de sessões de Relation Play. Tendo em conta a grande variedade de exercícios de movimento que este método apresenta, cada programa deve ser adaptado à população em estudo. Neste caso optou-se pela escolha de exercícios simples, que permitem observar os aspectos da comunicação não verbal e da interacção social seleccionados para o estudo. Durante a escolha dos exercícios verificou-se ainda a necessidade de existir suporte de um para um, desta forma as educadoras dos participantes foram convidadas a integrar o estudo, estando presentes em todas as sessões.

Iniciou-se o processo pré-experimental que teve a duração total de 18 semanas, sendo constituído pelas fases A1 (linha de base – pré-teste), B (intervenção), A2 (retorno à linha de base – pós-teste).

Durante a fase A1 o comportamento dos utentes foi observado no seu contexto natural, de forma a avaliar o seu desempenho ocupacional nas áreas do Brincar, Lazer e Participação Social. O comportamento da linha de base observado é a referência a que o comportamento futuro é comparado. A fase A1 teve a duração total de 3 semanas.

Na fase B a intervenção foi introduzida através das sessões de Relation Play, o comportamento dos utentes foi observado e registado através de vídeo em todas as sessões. Esta fase foi constituída por 13 sessões, realizadas duas vezes por semana. Cada sessão teve a duração de 20 a 25 minutos.

Na fase A2 foi removida a intervenção verificando-se os comportamentos observados em A1 sofreram alterações. O desempenho dos utentes foi novamente observado e filmado durante a sua participação nas actividades referidas em A1. A lista de verificação de comportamentos de comunicação e interacção foi novamente aplicada no início e final desta fase, que teve a duração de 3 semanas.

Após as listas de verificação de comportamentos serem preenchidas, os resultados foram analisados através de tabelas que ilustram o número de acontecimentos de cada comportamento antes e após a intervenção e da frequência de ocorrência, sendo os dados apresentados em frequências absolutas.

### 3. RESULTADOS

Os resultados obtidos serão seguidamente apresentados sob a forma de tabela.

A tabela 1 refere-se ao número de ocorrências dos comportamentos antes (A1) e depois (A2) da intervenção e a existência de evoluções, representadas na última coluna (diferença A2- A1). Estas ocorrências são relativas à observação das actividades de brincar, lazer e participação social.

**Tabela 1** – Número de ocorrências antes e depois da intervenção e respectivas diferenças

Comportamento	Nº ocorrências em			Nº ocorrências em			Diferença		
	A1			A2			(A2-A1)		
	J.	C.	A.	J.	C.	A.	J.	C.	A.
Aceita o toque nas mãos	13	29	16	54	81	17	41	52	1
Aceita o toque ao nível do tronco	4	4	5	2	2	17	2	2	12
Estabelece contacto ocular com os pares	1	1	2	3	5	4	2	4	2
Estabelece contacto ocular com o adulto	5	6	13	15	33	22	10	27	9
Mantém o contacto ocular com os pares	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mantém o contacto ocular com o adulto	0	0	16	3	5	18	3	5	2
Apresenta expressão facial	20	15	8	31	34	15	11	19	7
Utiliza gestos estereotipados	85	65	0	94	82	0	9	17	0
Realiza a actividade por imitação visual	4	8	0	0	8	0	-4	0	0
Interage com os pares por sua iniciativa	2	4	3	2	11	9	0	7	6
Interage com o adulto por sua iniciativa	2	4	16	4	15	22	2	11	6

Através da análise da diferença entre as frequências de comportamento registadas antes e depois da intervenção com a aplicação do programa de Relation Play (A2-A1), pela tabela 1, verificamos que, na maioria dos itens ocorreram evoluções que se traduzem no aumento do número de frequências em A2 face a A1. Estas evoluções são mais evidentes para os comportamentos “aceita o toque nas mãos”, “estabelece contacto ocular com o adulto”, “mantém o contacto ocular com o adulto”, “apresenta expressão facial”, “interage com o adulto por sua iniciativa”, “aceita o toque no tronco”. Os comportamentos “estabelece contacto ocular com os pares” e “interage com os pares por sua iniciativa” também registaram evoluções, ainda que não sejam tão evidentes.

Verificou-se que o comportamento “utiliza gestos estereotipados” aumentou. No comportamento “realiza a actividade por imitação visual” registou-se uma diferença de frequências negativa (-4). Relativamente ao aceitar o toque ao nível do tronco, registou-se uma diminuição do número de ocorrências.

Após termos apresentado os resultados relativos às actividades, de seguida estão descritos, de forma breve, os resultados observados no decorrer das sessões de Relation Play.

O elemento J., inicialmente, rejeitou entrar na sala. No entanto, após entrar, não tentou sair, explorando alguns objectos com a ajuda da educadora. C. entrou na sala com facilidade, mostrando-se bastante agitado, rejeitando várias vezes o contacto com a educadora e com os objectos existentes na sala. As estereotipias foram muito evidentes nos dois participantes.

A partir da terceira sessão J. passou a entrar na sala sem rejeitar, no entanto apresentava dificuldades em permanecer sentado durante a sessão dificultando a realização dos exercícios. Ao longo das sessões conseguiu-se que J. permanecesse sentado durante alguns minutos e realizasse os exercícios “embalar” e “barco”. Quando o participante aceitava sentar-se, interagia com a educadora estabelecendo e por vezes mantendo o contacto ocular, aceitando progressivamente o toque nas mãos e tronco. Progressivamente a sua iniciativa para interagir com o outro foi aumentando, muitas vezes pegava na mão da educadora para que esta acariciasse o seu rosto.

O elemento C. sentava-se no colchão com facilidade. Ao realizar o exercício “embalar”, aceitava o toque no tronco e nas mãos, mas o seu movimento estereotipado de balancear dificultava a realização deste exercício, sendo o relaxamento notório apenas por breves momentos. Permitia a realização do exercício “deslizar pelos pés”, demonstrando pouca confiança, uma vez que não relaxava a cabeça no chão, estabelecendo, por vezes, contacto ocular. Na quarta sessão, o exercício “ponte” surge de forma espontânea durante a interacção com a educadora. C. passa pela ponte formada uma vez, não sendo capaz de manter a posição para que alguém passasse por baixo de si.

Durante a intervenção, o exercício “embalar” e “barco” foram sendo progressivamente realizados com sucesso. Durante o decorrer destes movimentos, C. mostrou-se expressivo, sorrindo várias vezes, aceitando o toque nas mãos e tronco e estabelecendo uma agradável interacção com a educadora. Na quinta sessão aceita que seja o elemento A. a embalá-lo, aceitando o toque sem manifestar desconforto.

O participante A. na primeira sessão entrou na sala sem rejeitar e sentou-se no colchão sem dificuldades. Realizou o exercício “embalar”, relaxando por alguns instantes, aceitando o toque ao nível das mãos e do tronco. Nas primeiras sessões, por vezes distraía-se e abandonava o colchão, não sendo capaz de seguir as regras, por vezes rejeitava o toque quando não queria realizar o exercício. Nos exercícios “embalar”, “deslizar pelos pés”, A. relaxava facilmente, pousando a cabeça sobre o corpo do adulto ou sobre o chão. O contacto ocular era estabelecido e mantido por diversas vezes, assim com a comunicação verbal com o seu par. No exercício “rolar” A. deixava o seu corpo rolar livremente pelo colchão, por vezes rolava sozinho, não sendo necessário impulsioná-lo. A “ponte” e o “deslizar no cobertor” eram o que

despertavam mais entusiasmo da sua parte, mostrando vontade de os repetir diversas vezes. O comportamento de A. manifestava uma crescente auto-confiança, confiança no outro e auto-conhecimento. Os exercícios tornaram-se mais dinâmicos, promovendo uma interação divertida com a educadora.

Para este elemento os símbolos visuais demonstraram, de forma mais distinta, ser uma estratégia eficaz, respondendo e identificando correctamente qual a imagem, quando questionado sobre qual o exercício que se seguia.

#### 4. DISCUSSÃO

Analisando qualitativamente, os resultados representados no quadro 1, no que respeita aos comportamentos antes da intervenção (A1), averiguamos que de forma geral os participantes aceitavam o toque, relativamente ao aceitar o toque nas mãos, quanto à aceitação do toque no tronco é mais baixa. No geral as crianças com Perturbação Autista resistem ao contacto físico, não gostando que lhe toquem ou que as abracem, contudo este comportamento pode ser melhorado, ensinando a criança a compreender e a organizar as sensações (Klinta, 2001; Pereira, Serra, 2006).

No que respeita ao contacto ocular observamos que este se estabelece mais frequentemente com o adulto do que com os pares. Porém, em nenhum dos casos se mantém, levando conseqüentemente a dificuldades em realizar a actividade por imitação visual. Segundo Astrand (citado em Marsden, Egerton, 2007), a imitação requer concentração por parte da criança, e para tal ela deve ser capaz de olhar atentamente e ouvir a outra pessoa, de forma a ser apta a copiar o que observa. As crianças com Perturbação Autista apresentam normalmente dificuldades em manter um olhar atento sobre as acções do outro, o que poderá justificar os valores encontrados inicialmente.

Com base nesta avaliação, a intervenção com o Relation Play foi trabalhada através de um desenvolvimento gradual da consciencialização do corpo e do espaço, do auto-conceito, da auto-estima, da auto-confiança e da confiança no outro, da comunicação através da postura corporal, do olhar, do toque e dos gestos, estimulando e explorando as relações inter-pessoais através de movimentos que se assemelham a “jogos de brincar” fomentadas num clima calmo, flexível, de empatia, confiança e feedback no grupo.

Durante as sessões de Relation Play fomos observando progressos em todos os participantes, ao nível da comunicação e interacção. As evoluções foram mais notórias para o elemento A., sendo que foi o único a realizar toda a sequência de exercícios propostos. Os outros dois participantes apenas foram capazes de realizar os exercícios “embalar”, “barco” e “deslizar pelos pés”. De forma geral a sequência de exercícios proposta não chegou a ser realizada na totalidade, no entanto segundo Bogdanowicz, (1996, citada em Bleszynski, 2004) o Relation Play pretende ser divertido e criativo, a participação deve ser voluntária respeitando as necessidades e sentimentos de cada participante e realizando uma aprendizagem progressiva e segura. Mello (2005) refere ainda que nem todas as crianças com Perturbação Autista

conseguem alcançar os objectivos propostos pelo Relation Play, no entanto este método possibilita uma interacção agradável entre os participantes que nem sempre é fácil de se conseguir.

Passadas as 13 sessões de intervenção e realizada a avaliação final, pela análise dos valores obtidos na tabela 1, verificamos que, no geral, a maioria dos comportamentos enumerados sofreram melhorias. Os comportamentos que registaram evoluções mais evidentes foram: a capacidade de aceitar o toque nas mãos, de estabelecer e manter o contacto ocular com o adulto, de interagir com o adulto por sua iniciativa e apresentar expressão facial. Estes resultados levam-nos a concluir que, o nosso programa de intervenção privilegiou a relação dual da criança com Perturbação Autista com o terapeuta/educador, e não tanto entre pares.

Num estudo realizado em 2006, Konaka (citado em Marsden, Egerton, 2007) obteve alguns resultados similares, no entanto de forma mais evidente. O seu trabalho teve como objectivo verificar a eficácia do Relation Play na socialização, em crianças e adolescentes com Perturbações do Espectro Autista, desenvolveu-se durante dois anos, com 70 crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos. Os seus resultados também mostraram melhorias ao nível da interacção e envolvimento com os adultos, sendo atribuídos ao facto da confiança e segurança transmitida pelos adultos ao realizar os exercícios, o que também se transmitiu num aumento da confiança da criança em si e no seu par. Contudo nem todas as crianças apresentam os mesmos sintomas, características e comportamentos. Konaka (citado em Marsden, Egerton, 2007) relata a progressão de um participante que só no final de dois anos de intervenção foi capaz de participar de forma activa no programa.

Konaka (citado em Marsden, Egerton, 2007) na sua investigação concluiu que a capacidade de manter o contacto ocular em crianças com Perturbação Autista, melhorou significativamente após o programa de intervenção utilizando o Relation Play. Na nossa intervenção apenas verificamos melhorias neste comportamento relativamente ao adulto, o que mostra uma vez mais que a relação entre o adulto e a criança foi a mais trabalhada ao longo do programa.

No comportamento de realizar a actividade por imitação visual observamos uma diminuição no número de ocorrências para o participante J. mantendo-se igual para C. e A.. Também nesta conduta Konaka (citado em Marsden, Egerton, 2007) apresenta resultados semelhantes, registando uma baixa ocorrência deste comportamento em comparação com outros, assim como uma diminuição do mesmo na reavaliação, no entanto o autor não apresenta justificações para este facto. Durante as sessões de Relation Play, verificamos que raramente o toque estabelecido ao nível do tronco foi rejeitado. No estudo citado anteriormente, o autor refere que a rejeição ao toque durante as sessões de Relation Play diminuiu significativamente, não especificando as partes do corpo em este comportamento mais se manifestou.

Por fim, podemos dizer que as evoluções foram mais notórias durante as sessões de Relation Play, com pequenos ganhos graduais, não sendo totalmente generalizadas para o dia-a-dia dos participantes. Estes resultados evidenciam a curta duração do programa, para uma população com Perturbação Autista, e a resistência à aprendizagem e às mudanças que estas crianças apresentam (Pereira, Serra, 2006).

## 5. CONCLUSÕES

A Perturbação Autista continua a ser investigada através de formulação de diversas teorias que tentam explicar esta patologia, contribuindo para uma melhor compreensão.

A pertinência deste estudo remeteu ao facto do Relation Play ser um método inovador e dinâmico, que surge como mais uma alternativa de avaliação e intervenção, nomeadamente no trabalho desenvolvido com crianças com Perturbação Autista. Esta foi a patologia escolhida para o estudo, devido às suas características peculiares e marcadas dificuldades, principalmente ao nível das competências de comunicação e interacção que afectam o desempenho ocupacional da criança em áreas como o brincar, lazer e participação social. Desta forma, surgiu um crescente interesse em analisar como este método, pode ajudar crianças a alcançarem um nível de autonomia, independência e uma melhoria na qualidade de vida.

Apesar do tempo de intervenção ter sido muito reduzido para uma população como esta, foram alcançados resultados satisfatórios, no entanto, uma intervenção mais prolongada traduziria certamente um maior número de resultados, assim como benefícios para os participantes. Assim, foi possível concluir que a intervenção é eficaz na melhoria de alguns comportamentos de comunicação e interacção, que podem ser traduzidas tanto no aumento quantitativo como qualitativo dos comportamentos avaliados nestes indivíduos. Estas melhorias foram mais notórias ao longo das sessões de Relation Play do que na generalização para as actividades ocupacionais nas áreas do Brincar, Lazer e Participação Social. Consideramos ser relevante no futuro realizarem-se estudos com a mesma estrutura, mas durante um período de tempo mais longo, nomeadamente com 12 meses de intervenção.

## 6. REFERÊNCIAS

- Bleszynski J. (2004). Application of the Developmental Movement Method in Therapy of Child with Serious Developmental Deficiencies. Torun, Poland: Nicolaus Copernicus University.
- Klinta C. (2001) Autoconfiança Comunicação e Alegria do Movimento através dos movimentos de Sherborne "Relation Play". São José dos Campos: Univap.
- Marsden E, Egerton J. (2007). Moving with research: Evidence-based practice in Sherborne Developmental Movement. Great Britain: Sunfield Publications
- Mello AM. (2005) Autismo: guia pratico. 4ªed. São Paulo: AMA, Brasília: CORDE.
- Pereira M, Serra H. (2006) Autismo: A família e a escola face ao autismo. Autismo: Uma perturbação pervasiva do desenvolvimento. 2ªed. V N Gaia: Gailivro.
- Rangel L. (2003) Dicionário de Laban. São Paulo: Annablume.
- Sherborne V. (1995) Developmental Movement for Children: Mainstream, special needs and pre-school. New York: Cambridge University Press.